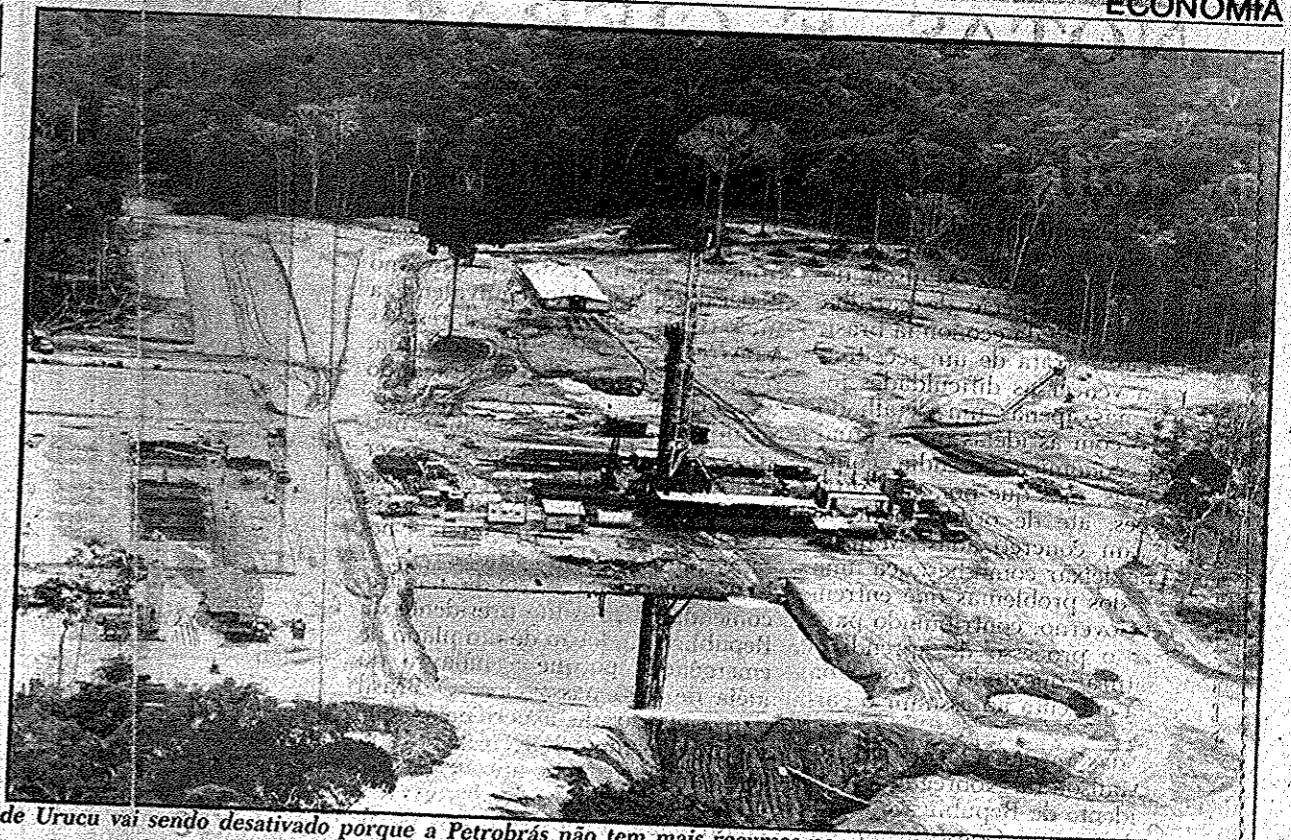
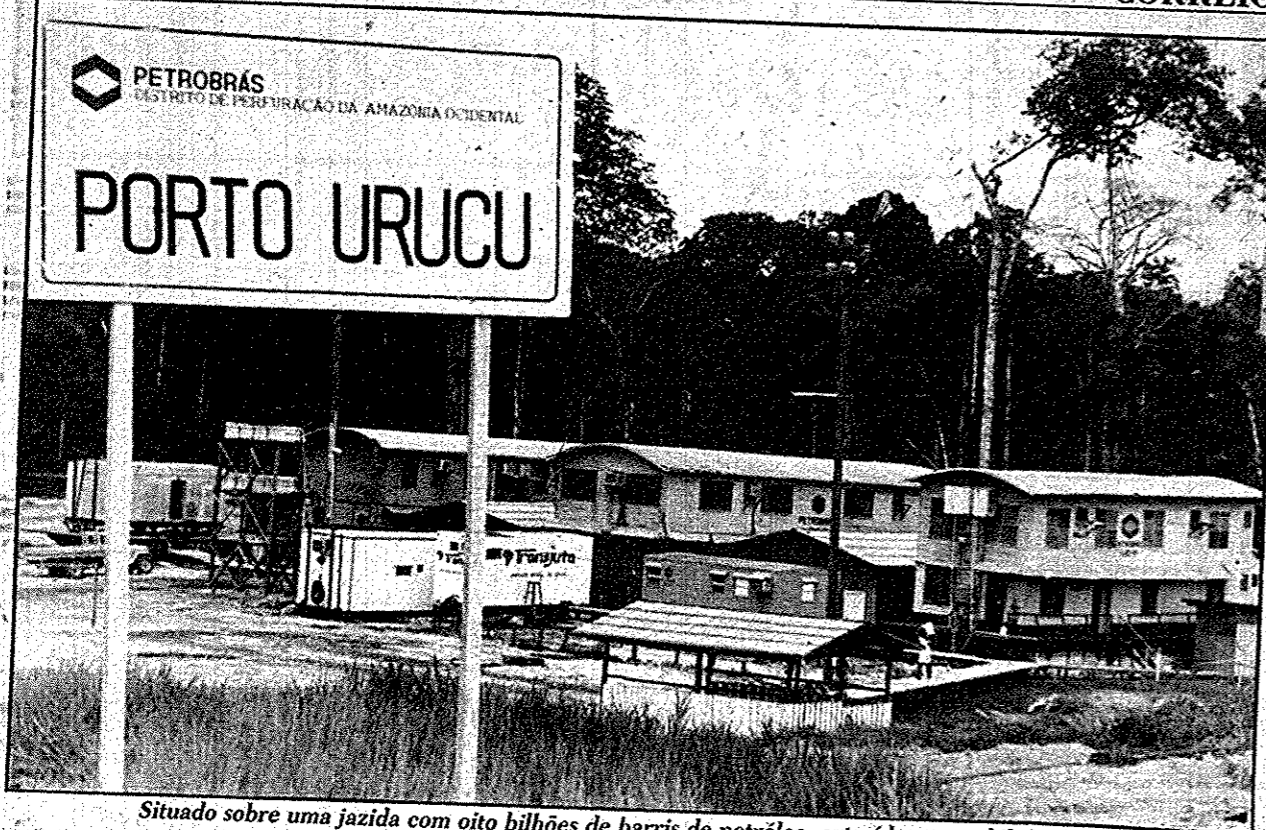


6 Brasília, domingo, 5 de novembro de 1989

FOTOS: JULIO FERNANDES

CORREIO BRAZILIENSE

ECONOMIA



Situado sobre uma jazida com oito bilhões de barris de petróleo, extraído a sete dólares por barril, o campo de Urucu vai sendo desativado porque a Petrobrás não tem mais recursos para manter os investimentos

Dívida ameaça poço de petróleo na selva

VITOR HUGO
Enviado Especial

Coari (AM) — Amargando uma dívida de 800 milhões de dólares, a Petróleo Brasileiro S.A. (Petrobrás) começou a cortar despesas. Uma das áreas mais atingidas é o único campo petrolífero encontrado no Amazonas, às margens do rio Urucu (pouco mais de 650 quilômetros a sudoeste de Manaus), onde já foram investidos 100 milhões de dólares. Dos mil e 200 homens que chegaram a trabalhar no local, nos últimos meses o número está agora resumido a 640, "podendo baixar para 500 nos próximos dias", admite o geólogo e coordenador interino de exploração, Décio Freitas.

Os cortes promovidos pela empresa não ficaram aí. Das quatro sondas que operavam na área (cada uma ocupa 30 trabalhadores), restam apenas duas. As três equipes de sismografia, responsáveis pela identificação de novos pontos de perfuração, caíram para apenas uma. E, dos 20 helicópteros a cortar os ares diariamente, ficaram só três para levar a maquinaria e peças pesadas a lugares onde o transporte terrestre é difícil.

Ocupando uma área de 15 quilômetros quadrados, o campo só consegue produzir 5 mil e 800 barris de petróleo/dia (850 me-

tros cúbicos), a sete dólares por barril, embora tenha uma reserva total de 8 bilhões de barris de óleo fino, rico em derivados nobres, e 31 bilhões de metros cúbicos de gás. A estimativa inicial apresentada pela empresa era de 3 mil barris/dia, sendo que este ano deveria chegar a 8 mil, com escoamento simultâneo pelos rios Tefé e Urucu.

A produção comercial, de acordo com o coordenador do setor, Maurício Barbieri de Moraes, começou em julho do ano passado, através do rio Urucu, em balsas com capacidade entre 100 e 200 toneladas, para uma calado de 40 centímetros. A seca, porém, obrigou a construção de um oleoduto de quatro polegadas, com 54 quilômetros de extensão, até o porto terminal no rio Tefé. Durante o verão, o transporte de óleo só pode ser feito pela tubulação e, dali, em balsas até chegar à refinaria de Manaus. No inverno, porém, o escoamento do produto é feito pelos dois sistemas: embarque direto em balsas no porto Hélio, junto à estação da Petrobrás, e pelo oleoduto.

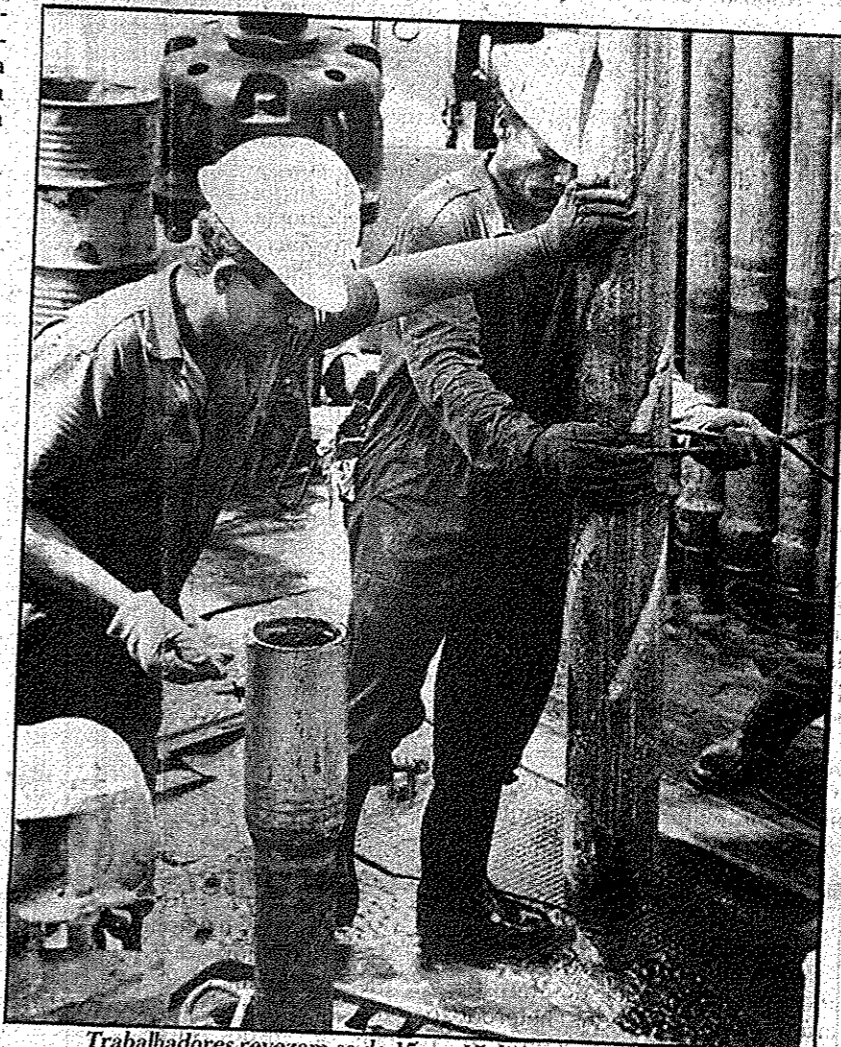
Quanto aos royalties pagos pela Petrobrás ao município onde está localizada a reserva, Coari chega a ganhar cerca de NCz\$ 500 mil mensais, garante o vice-prefeito de Carauari, Ne-

berlau Raimundo Lobo. Na verdade, tanto Lobo como a população estão magoados com a empresa, por ter desativado a sede na região, após a descoberta do óleo.

Para os moradores, ela simplesmente retirou seus funcionários, deixando a economia arrasada, já que os seringueiros preferiram abandonar o mata para trabalhar nas empresas contratadas. "Hoje, depois de conhecerem as facilidades da vida moderna e de ficar longe de 'piuns e meruins, não quero mais voltar para a extração de seringa de jeito nenhum", assegura o ex-peão, agora desempregado, Elino Alvez Correa, 38 anos, pai de oito filhos.

Mesmo com a transferência do pessoal, adiantam os funcionários da Petrobrás, Caruarí continua fornecendo mão-de-obra às empresas prestadoras de serviços.

Nelcionem José de Souza Araújo, 18 anos, por exemplo, fica sete dias trabalhando em Murucu, nos escritórios, e igual período em Caruarí. Cursando o segundo ano do 2º Grau, ele foi um dos poucos da cidade que aprenderam a operar um computador e, nas horas de lazer, não deixa de lado um joguinho eletrônico. Mas nem por isso, perdeu os hábitos locais.



Trabalhadores revezam-se de 15 em 15 dias, na extração do óleo

Trabalhadores têm de tudo. Menos álcool

Viver confinado em um campo de trabalho no meio da floresta amazônica, por 15 dias, sem sábado nem domingo, distante 55 minutos de voo em helicóptero (ou dois dias pelo rio) de qualquer bebida alcoólica, parece ser impossível. Estas barreiras, porém, pouco importam aos 640 homens (78 da Petrobrás e o restante de empresas contratadas para a execução de obras) lotados em Urucu, uma "cidade" com toda a infra-estrutura de um centro urbano, sem problemas de transporte coletivo.

Toda a alimentação fornecida é superior àquela encontrada em muitos bares do Plano Piloto, em Brasília. Nos alojamentos — nenhum sem condicionador de ar — o serviço de quarto não fica por menos. Lençóis limpos e bem passados são vistos, diariamente, forrando os beliches. A mesma qualidade em relação aos banheiros. "Não fosse assim — comentou um empregado —, seria difícil aguentar".

Para gastar as horas de folga,

diversão é o que não falta a essa gente, que só não dispõe de piscinas, como as encontradas nas grandes plataformas marítimas. Existem salas para jogo de cartas, sinuca e até televisão, captada através de antena parabólica, bem como aparelhos de videocassete, cujos filmes são preferencialmente eróticos.

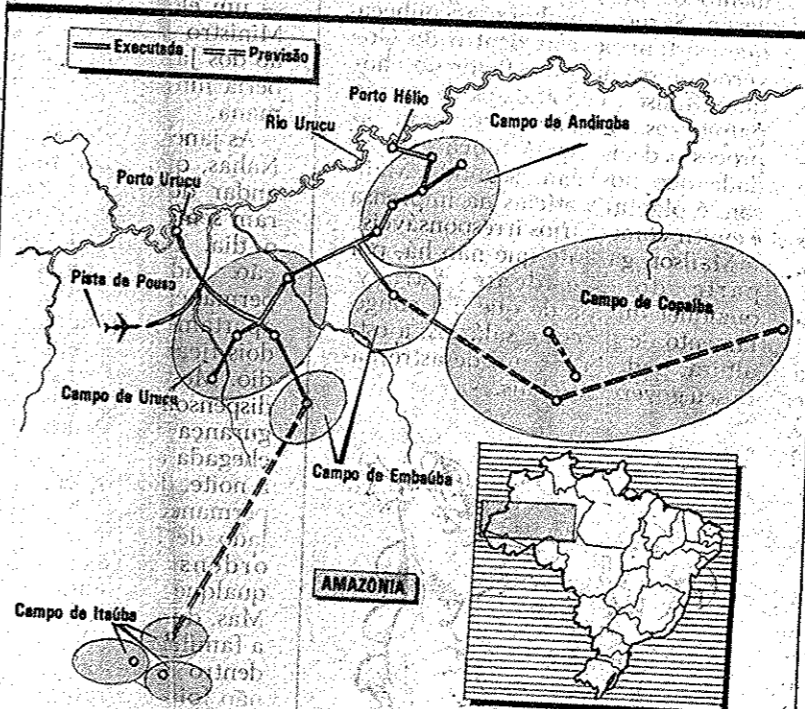
Revistas jornalísticas nacionais também não faltam, mas acabam perdendo, na preferência, para as de mulheres nuas, como Playboy ou Ele e Ela. Os jornais são trazidos diariamente, num voo da Transportes Aéreos da Bacia Amazônica (TABA), embora os de circulação nacional apareçam com um dia de atraso.

Longe do trabalho, os empregados cuidam ainda do sistema ecológico e, para isso, construíram um orquidário, com cerca de 140 espécies catalogadas, todas encontradas na região. Além disso, criaram uma área especial para o plantio de árvores frutíferas e mantêm um convênio com uma escola agrícola de Tefé, que

envia periodicamente seus alunos para pesquisarem e cuidarem do reflorestamento da área. Em alguns locais, como nas proximidades do aeroporto (junto ao rio Urucu), foram plantadas mudas de grama, para evitar a erosão.

E se alguém ainda consegue imaginar perigos para essa gente, por trabalhar no meio da mata fechada, expondo-se aos animais mais ferozes, está muito enganado. "Eles (os bichos) têm medo do barulho dos carros e das lâmpadas acesas", contou um peão.

Hoje, estes riscos habitam apenas a memória dos trabalhadores que ainda lembram, ao cruzar a Ponte da Onça, o caso. "Os funcionários de uma empreiteira ficaram intrigados com o desaparecimento da comida, sempre que retornavam para o almoço. De tanto procurar um responsável, descobriram que o glutão não era um deles, mas uma onça.



A Amazônia Ocidental consome 35 mil barris de petróleo por dia e produz apenas um quarto deste total, importando o restante. Só Manaus, com aproximadamente um milhão, 200 mil habitantes, gasta

500 metros cúbicos/dia de gasolina, outros 400 de óleo diesel e mais 150 toneladas de asfalto. Enquanto isso, o Brasil tem uma demanda diária de um milhão 100 mil barris, para produção de 630 mil.